

## A bela morte feminina em Ausônio

José Amarante\*

PPGLinC/PPGLitCult/NALPE/UFBA

### RESUMO

O presente artigo apresenta a realização do tema da bela morte em Ausônio, um poeta do século IV e.c., especialmente a configuração do tema no universo feminino. Para isso, retomando as já conhecidas figuras femininas associadas à ideia de bela morte não vinculadas ao parto, como Ifigênia ou Alceste, cujas mortes ocorreram na juventude e em prol de valores ditos honrosos, o artigo apresenta a versão ausoniana para dois casos de bela morte feminina: a de Políxena, conhecida por morrer para honrar um pedido do fantasma de Aquiles; e a de Anícia, uma jovem que morre no parto, na flor da juventude. O artigo conclui que, se, por um lado, Anícia seria o caso de bela morte no parto recriada no século IV, por outro mostra uma morte de Políxena como ocorrida em vão, sob a forma de ultraje, diferentemente da forma como é desenhada em Eurípedes, em que a heroína aceita seguir Odisseu em direção a seu sacrifício em honra a Aquiles.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bela morte feminina. Ausônio. Antiguidade. Antiguidade Tardia.

### ABSTRACT

This work presents the theme of beautiful death in Ausonius, a fourth-century poet, especially the configuration of the theme in the feminine universe. The article then departs from the well-known female figures associated with the idea of beautiful death not linked to parturition - such as Ifigenia or Alceste, whose deaths occurred in youth and in favor of so-called honorable values - and presents the Ausonian version for two cases: Polyxena, known to die to honor a request from the ghost of Achilles; and Anicia, a young woman who dies in childbirth, in the prime of her youth. The article concludes that if, on the one hand, Anicia would be the case of a beautiful death in childbirth recreated in the fourth century, on the other, it shows a death of Polyxena as in vain in the form of outrage, unlike the way it is drawn in Euripides, where the heroine agrees to follow Odysseus toward her sacrifice in honor of Achilles.

**KEYWORDS:** Beautiful female death. Ausonius. Classical antiquity. Late Antiquity.

### 1. Ausônio em epigramas e epitáfios

Ausônio é um poeta do séc. IV que foi preceptor de Graciano, filho de Valentiniano I, imperador romano de 364 a 375. Tem uma obra de transmissão complexa e de gêneros variados, mantendo ainda uma produção de tom pagão, especialmente em seus *Epigrammata* e *Epitaphia*.

Os epigramas, cuja influência estaria mais associada aos epigramatistas gregos que a Marcial, são um conjunto de 121 composições ora próprias, ora recriações em latim de poemas gregos da *Antologia Palatina*, dos *Epigrammata Bobiensia* e de outros autores. Os epitáfios são um conjunto de textos dedicados aos heróis que participaram da guerra de Troia (*Epitaphia heroum qui bello Troico interfuerunt*) após sua morte. Obviamente, dada a complexa transmissão dos textos, o número de epigramas varia de edição para edição, assim como ocorre com os epitáfios. Entre os epitáfios, por exemplo, costumam figurar três personagens femininas, junto aos heróis: Hécuba, Políxena e a jovem Anícia (esta

\* prof.amarante@hotmail.com

Recebido em 05/11/2019  
Aprovado em 29/12/2019

última consta, na edição de Green, entre os epigramas). A numeração dos textos que apresento, pois, aqui, seguirá a edição de referência de Green (1991), uma edição crítica de toda a obra ausoninana. Para este trabalho, embora me refira a outras composições epigramáticas e epitáfios, me detenho nas figuras femininas e me centro no conceito de bela morte feminina nesse escritor do quarto século.

## 2. As figuras femininas nos epigramas e epitáfios ausonianos

Para além da estranha presença de Hécuba e de Políxena entre os *Epitáfios dos heróis que participaram da guerra de Troia*, certamente anexados posteriormente, pela natureza do texto, junto àqueles dedicados aos heróis, entre os epigramas desfilam diversos tipos de figuras femininas. Há pelo menos um dedicado à questão da transgeneridade (72), em que uma jovem moça, mais terna que uma cordeirinha, que era antes um rapaz, apresenta um catálogo de personagens ligadas à transgeneridade na Antiguidade. E há um outro (50), num jogo linguístico dos gêneros gramaticais latinos, em que se insinua a possibilidade de existência de um terceiro gênero sexual, que seria o neutro, ao lado do masculino e do feminino. Comparece, entre os epigramas, a mulher como objeto do amor (39, 102 e 103), a mulher adúltera (10, 99 e 101), a mulher alcoólatra (21), a prostituta (18 e 60), a mulher velha (14), a mulher feia (88), a esposa (19, 89, 20), a mulher que escreve (Safo, 35; a esposa que tece e escreve, 27 e 28), a mulher impudica (75), a mãe armando o filho jovem para a guerra (25), num exemplo de menção à bela morte masculina. E entre estas estão Anícia (*epigr.* 13) e Políxena (*epith.* 26), que serão objeto de maior atenção neste trabalho.

## 3. Os casos de bela morte (masculina)

O conceito de bela morte (καλός θάνατος) já nos é bem conhecido. Vernant (1978) o define fazendo referência à morte do homem em combate na plenitude de sua natureza viril e ainda na flor da idade, de forma que tal modo de morrer lhe confere um conjunto de qualidades, de honras e de prestígios a serem rememorados por todos os tempos, colocando o jovem guerreiro morto entre os ἄριστοι ('os melhores'). Trata-se, pois, de uma morte gloriosa (εὐκλής θάνατος), que permite se conseguir o renome, a glória (κλέος), como resultado da virtude e da excelência (ἀρετή) alcançadas.<sup>1</sup>

A glória do herói se immortaliza pelo canto, especialmente pelo canto épico, numa cultura grega arcaica, de tradição oral. Heitor, no Canto 22 da *Ilíada* (vv. 304-305), nos dá pistas: μὴ μὲν ἄσπουδί γε καὶ ἀκλειῶς ἀπολοίμην, / ἀλλὰ μέγα ῥέξας τι καὶ ἔσσομένοισι πυθέσθαι ("Que eu não morra é de forma passiva e inglória, mas por ter feito / algo de grandioso, para que os vindouros de mim oiçam falar!")<sup>2</sup>. O realizar algo grandioso estaria, pois, na base da ideia de bela morte, de forma que muitos que morrem jovens não necessariamente se encaixariam na ideia precisa desse conceito nos moldes arcaicos<sup>3</sup>.

A vida breve do herói, em sua atuação em defesa de seu povo, além de immortalizada no canto do poeta, no tom grave do épico, ainda pode receber outras honrarias que lhe garantem a perenidade concreta: o túmulo, um monumento fúnebre que permite que sua glória seja lembrada por todo o sem-

1. Vernant (1978, p. 30 s.). Para uma visão crítica à bela morte na concepção vernantiana, vd. Assunção (1994/1995). Vd. tb. Loureaux (1994).

2. As traduções da *Ilíada* utilizadas neste trabalho são de Frederico Lourenço. As demais traduções serão nossas, quando não indicado outro tradutor. O texto grego da *Ilíada* utilizado neste trabalho é da coleção *Oxford Classical Texts*.

3. Vd. Loureaux (1994) e Assunção (1995).

pre (PACHECHO, 2009). Assim, a heroicização do candidato a herói por vezes se dá por algum momento fúnebre que a comunidade lhe dedica (*id. ibid.*). Para além do guerreiro valoroso, do herói do período homérico, digno do ideal da bela morte grega, no período clássico, torna-se herói para os gregos o soldado, morto na guerra (*id. ibid.*). Ou seja, não mais os melhores (ἄριστοι), os de primeira fila; no período clássico, eles podem ser os soldados comuns, de qualquer fila, que morrem defendendo a pátria.<sup>4</sup>

Assim, para além daqueles dedicados a Aquiles e a Heitor, os epitáfios ausonianos, p. e., dão destaque a outras mortes de jovens na guerra de Troia: a morte de Antíloco (7) é lamentada por ocorrer em ordem *contra natura*, antes da morte do Pai, Nestor, quando deste cobria a retirada, durante uma batalha. O epitáfio de Nestor (8) também se dedica à lamentação pela morte do filho jovem. Também se registra o epitáfio do jovem Troilo (18), entre outros que morreram na flor da idade. Obviamente, tratando-se de epitáfios aos heróis que estiveram na Guerra de Troia, as mortes masculinas são as comuns, e resta a de Políxena, como o único possível exemplo de bela morte feminina.

Nos epigramas, para além da bela morte de Anícia, há duas ocorrências para bela morte masculina. O primeiro deles, um epigrama dedicado ao jovem Trasíbulo (24).

[DE THRASYBULO LACEDAEMONIO,  
QUI FORTISSIME DIMICANS OCCUBUIT]

*Excipis adverso quod pectore vulnera septem,  
arma super veheris quod, Thrasybule, tua,  
non dolor hic patris, Pitanae sed gloria maior:  
rarum tam pulchro funere posse frui.  
Quem postquam maesto socii posuere feretro,  
taliam magnanimus reddidit orsa pater:  
“flete alios: natus lacrimis non indiget ullis,  
et meus et talis et Lacedaemonius”<sup>5</sup>*

5

(AVS. epigr. 24 Green)

[SOBRE O ESPARTANO TRASÍBULO,  
QUE MORREU COMBATENDO DURAMENTE]

Porque, com o peito à mostra, recebes setes feridas,  
porque és trazido sobre teu escudo, Trasíbulo,  
isto não é um sofrimento de teu pai, mas a glória maior de Pítane:  
É raro poder desfrutar **de uma morte tão bela**.  
Depois que os companheiros o depositaram no triste caixão,  
teu nobre pai citou tais palavras:  
“Chorai os outros: meu filho não precisa de lágrima alguma,  
ele não só é meu filho, mas ele é grande, e é espartano”.

5

4. Cf., p. e., a visão presente no poeta espartano Tirteu:“(…) Mas **tudo convém aos jovens** / enquanto tiverem a flor brilhante da amável juventude: / é admirado por homens, por mulheres amado,/ quando vivo; **e belo, se na vanguarda cai**” (TIRTEU, 10W, 27-30, trad. Rafael Brunhara). E na *Oração fúnebre de Péricles*, de Tucídides: “Parece-me ainda que uma morte como a destes homens é prova total de máscula coragem, seja como seu primeiro indício, seja como sua confirmação final. **Mesmo para alguns menos louváveis por outros motivos, a bravura comprovada na luta por sua pátria deve com justiça sobrepor-se ao resto**; eles compensaram o mal com o bem e saldaram as falhas na vida privada com a dedicação ao bem comum” (TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, 2, 42, trad. Mário da Gama Kury).

5. Composição em **dísticos elegíacos**, como em geral ocorre nos *Epitaphia* e nos *Epigrammata*. V. 1: Evocação de VIRG. *Aen.* 9, 347: *pectore in aduerso*; 12, 950: *aduerso sub pectore*. V. 3: Pítane foi uma cidade espartana da Antiga Grécia na Eólide. V. 5: Evocação de VIRG. *Aen.* 10, 841 s.: *at Lausum socii exanimem super arma ferebant / flentes...*

Ausônio toma, para esse epigrama, uma composição de Dioscórides, da *Antologia Palatina*:

Τῷ Πιτάνᾳ Θρασύβουλος ἐπὶ ἀσπίδος ἤλυθεν ἄπνου,  
 ἐπτά πρὸς Ἀργείων τραύματα δεξάμενος,  
 δεικνὺς πρόσθια πάντα τὸν αἱματόεντα δ' ὁ πρέσβυς  
 παῖδ' ἐπὶ πυρκαϊῆν Τύννιχος εἶπε τιθεῖς·  
 «Δειλοὶ κλαιέσθωσαν· ἐγὼ δὲ σέ, τέκνον, ἄδακρυς  
 θάψω, τὸν καὶ ἐμὸν καὶ Λακεδαμόνιον».

*Antologia Palatina*, 7, 229 (ΔΙΟΣΚΟΡΙΔΟΥ)

DE DIOSCÓRIDES

*Sobre Trasibulo da Lacedemónia, que recebeu sete golpes no peito*

Trasibulo veio morto para Pítane sobre um escudo,  
 tendo recebido sete golpes dos Argivos,  
 todos de frente. E o velho Tínic, ao colocar  
 o filho ensanguentado sobre a pira, dizia: 5  
 “Chorem os covardes! Eu, filho, sem lágrimas  
 te enterrarei, filho meu e da Lacedemónia.”<sup>6</sup>

O segundo epigrama é dedicado a uma mãe que armava o filho para a guerra (25), numa demonstração de consciência cívica da participação do filho num combate:

*Mater Lacaena clipeo obarmans filium  
 'cum hoc,' inquit, 'aut in hoc redi?'*

(AVS. *epigr.* 25 Green)

Uma mãe espartana, enquanto arma o filho com o escudo,  
 diz: “volte com ele ou sobre ele”.

A perda do filho nessa situação representa à mãe o cumprimento de um dever e a garantia de glória, desde que o corpo do filho retorne para as honras fúnebres. Ausônio segue, na recriação desse epigrama, uma composição presente na *Lacaenarum Apophthegmata* de Plutarco:

Ἄλλη προσαναδιδούσα τῷ παιδί τὴν ἀσπίδα  
 καὶ παρακελευομένη «τέκνον» ἔφη, «ἢ ταύταν ἢ ἐπὶ ταύτας.»

(PLUT. *Mor.* 241F)

Uma outra, entregando o escudo a seu filho  
 e exortando-o, disse-lhe: “Filho, ou isto ou acima disto”.

#### 4. O caso da bela morte de Anícia

Apesar de o papel da mulher ser por vezes silencioso, nos espaços internos do οἶκος (‘casa’) na antiga Grécia, certas imagens documentam algum tipo de ênfase em seu papel exemplar de esposa e de mãe, que cuida da casa e da prole, enquanto o guerreiro parte para a guerra, de forma que o assunto guerra

6. As traduções dos textos da *Antologia Palatina* são de Carlos A. Martins de Jesus. O texto grego dos poemas será sempre o das Edições Einaudi, sob os cuidados de Filippo Maria Pontani.

7. Composição em sistema epódico (trímetro iâmbico e dímeter iâmbico).

não estaria apenas na esfera dos homens (LESSA, 2006). Na imagem que se segue, associam-se os papéis da mulher e do homem na situação de partida do guerreiro para a guerra, de forma que a figura antecipa as diferentes formas de honra posterior: a do soldado na luta e a da mulher na labuta. Ou, como diz Lessa (*op. cit.*, p. 90), confrontam-se na imagem dois estatutos: “às mulheres, o da maternidade, através da qual a manutenção da família e da *pólis* estaria assegurada; aos homens, o da guerra, da defesa da *koinonía*”.<sup>8</sup>

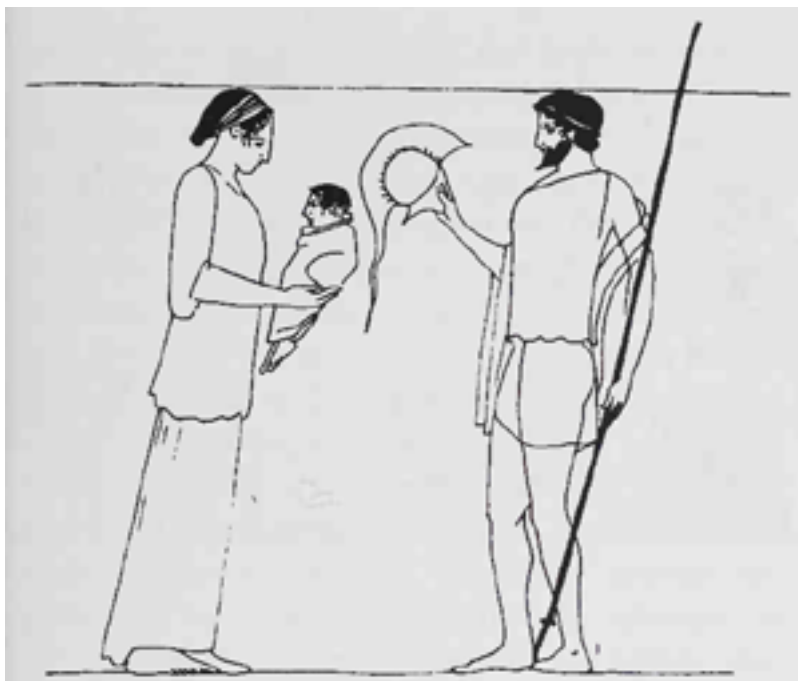


Fig. 1: Partida do guerreiro, a partir de um λήκυθος (‘vasilhame de óleo’), ca. 450. Berlim, *Antikenmuseum*, fig. 26 de Pantel (1994, p. 181) (também reproduzida por Lessa, 2006, p. 90)

Mas o papel que assegura à mulher, em seu falecimento, o status da bela morte é o do parto. Conforme atestam tanto as fontes literárias quanto as iconográficas e também as inscrições fúnebres, há associação no pensamento grego entre a morte no parto e a morte em combate, em função de ambas representarem uma luta gloriosa: uma pelo οἶκος, a outra pela πόλις, muito embora o parto também representasse uma luta em favor do coletivo, uma vez que, por meio dele, eram acrescentados à comunidade novos cidadãos. Obviamente, no contexto da Grécia antiga, assim como na guerra, representava também um risco de vida à jovem mulher a condição do parto, num momento em que trazia à comunidade mais um membro para seu exército ou para seu desenvolvimento. A *Ilíada* já estabelecia a comparação, quando o esgotamento de Agamêmnon, no Canto 11, ocorre num símile entre sua dor e a dor do parto:

8. Vd. Isômaco no *Econômico* de Xenofonte: πρῶτον μὲν γὰρ τοῦ μὴ ἐκλιπεῖν ζῶων γένη τοῦτο τὸ ζεῦγος κεῖται μετ’ ἀλλήλων τεκνοποιοούμενον “Em primeiro lugar, para que não pereça a raça dos seres vivos, esse casal permanece unido gerando filhos (7, 19)”. E ainda: ἐπεὶ δ’ ἀμφοτέρω ταῦτα καὶ ἔργων καὶ ἐπιμελείας δεῖται τὰ τε ἔνδον καὶ τὰ ἔξω, καὶ τὴν φύσιν, φάναι, εὐθύς παρεσκεύασεν ὁ θεός, ὡς ἐμοὶ δοκεῖ, τὴν μὲν τῆς γυναικὸς ἐπὶ τὰ ἔνδον ἔργα καὶ ἐπιμελήματα, <τὴν δὲ τοῦ ἀνδρὸς ἐπὶ τὰ ἔξω>. ῥίγη μὲν γὰρ καὶ θάλπη καὶ ὀδοιπορίας καὶ στρατείας τοῦ ἀνδρὸς τὸ σῶμα καὶ τὴν ψυχὴν μᾶλλον δύνασθαι καρτερεῖν κατεσκεύασεν· ὥστε τὰ ἔξω ἐπέταξεν αὐτῷ ἔργα· τῇ δὲ γυναικὶ ἦπτον τὸ σῶμα δυνατὸν πρὸς ταῦτα φύσας τὰ ἔνδον ἔργα αὐτῇ, φάναι ἔφη, προστάξαι μοι δοκεῖ ὁ θεός. “Já que ambas as tarefas, as do interior e as do exterior da casa, exigem trabalhos e zelo, desde o início, na minha opinião, o deus preparou-lhes a natureza, a da mulher para os trabalhos e cuidados do interior, a do homem para os trabalhos e cuidados do exterior da casa. Preparou o corpo e a alma do homem para que possa suportar melhor o frio, o calor, caminhadas e campanhas bélicas. Impôs-lhe, por isso, os trabalhos fora de casa; à mulher, penso eu, por ter-lhe criado o corpo mais fraco para essas tarefas, disse-me ter dito, impôs as tarefas do interior da casa.” (7, 22-23). O texto grego de Xenofonte utilizado aqui é sempre o da Coleção Loeb Classical Library. As traduções de Xenofonte são de Anna Lia Amaral de Almeida Prado.

αὐτὰρ ἐπεὶ τὸ μὲν ἔλκος ἐτέρσεται, παύσατο δ' αἷμα,  
 ὄξεϊται δ' ὀδύνας δῦνον μένος Ἀτρεΐδαο.  
 ὡς δ' ὅτ' ἂν ὠδίνουσαν ἔχη βέλος ὄξυ γυναιῖκα  
 δριμύ, τό τε προῖεϊσι μογροστόκοι Εἰλείθυιαι  
 "Ἥρης θυγατέρες πικρὰς ὠδῖνας ἔχουσαι,  
 ὡς ὄξεϊ' ὀδύνας δῦνον μένος Ἀτρεΐδαο.

(*Ilíada*, 11, vv. 267-272)

*Mas quando a ferida secou, depois de o sangue estancar,  
 agudas dores sobrevieram à Força do Atrida:*

**Tal como o dardo afiado atinge a parturiente –**

*dardo penetrante enviado pelas Ilítias, deusas do parto,  
 filhas de Hera e senhoras de dores amargas –  
 assim agudas dores sobrevieram à Força do Atrida.*

Como bem recorda Ferreira (2016, p. 101), “morrer a dar à luz pode ter sido tão frequente no mundo grego como perder a vida em combate”. Louraux (1985, p. 39), p. e., falando das mortes trágicas das mulheres faz referência às “dores *heróicas* do parto”<sup>9</sup>. Como as jovens atenienses casavam-se cedo, por volta dos 14 ou 15 anos, e davam à luz ainda na flor da idade, era alta a taxa de mortalidade não só da mãe quanto da criança<sup>10</sup>. Além disso, as condições sanitárias influenciavam nas situações de partos mais complicados. Conforme destaca Ferreira (*op. cit.*, p. 120), na época romana, é mais detalhada a descrição no epigrama, quando menciona, p. e., o parto de trigêmeos e o ventre dilacerado da mãe, neste epigrama da *Antologia Palatina* atribuído a Antípatro de Tessalônica, provavelmente do período tardo-helenístico:

«Εὐχέσθω τις ἔπειτα γυνὴ τόκον», εἶπε Πολυξὺ  
 γαστέρῳ ὑπὸ τρισσῶν ῥηγνυμένη τεκέων  
 μαίης δ' ἐν παλάμησι χύθη νέκυς, οἱ δ' ἐπὶ γαῖαν  
 ὤλισθον κοίλων ἄρσενες ἐκ λαγόνων,  
 μητέρος ἐκ νεκρῆς ζωὸς γόνος. εἷς ἄρα δαίμων  
 τῆς μὲν ἀπὸ ζωὴν εἴλετο, τοῖς δ' ἔπορευ.

(AP 7. 168)

DE ANTÍPATRO DE TESSALÓNICA

*Sobre Polixo, que teve um parto terrível de três bebês*

“Que uma mulher após isto deseje ser mãe!” – dizia Polixo  
 com o ventre desgarrado por três bebês.

Nos braços da parteira caía morta, enquanto os rapazes  
 caíam ao chão desde o fundo das suas coxas,  
 nados-vivos de uma mãe morta. Foi um mesmo deus  
 que lhe roubou a vida para a conceder a eles.

9. O destaque é da autora, no original entre aspas.

10. Para esses dados, vd. referências propostas por Ferreira (2016, p. 120, n. 42). Vd. tb. Isômaco, no *Econômico* de Xenofonte (7, 5), sobre a época em que sua esposa passou a morar consigo: καὶ τί ἂν, ἔφη, ὦ Σώκρατες, ἐπισταμένην αὐτὴν παρέλαβον, ἢ ἔτη μὲν οὕτω πεντεκαίδεκα γεγονυῖα ἦλθε πρὸς ἐμέ (“E o que saberia ela, disse, quando a tomei como esposa? Ao chegar à minha casa, não tinha ainda quinze anos”).

Assim, voltando à questão da possibilidade de morte do jovem rapaz na guerra e da jovem moça no parto ou na vida prisioneira em casa, a *Medeia* de Eurípides já anunciava também a comparação entre essas duas posições:

λέγουσι δ' ἡμᾶς ὡς ἀκίνδυνον βίον  
ζῶμεν κατ' οἴκους, οἱ δὲ μάρνονται δορί,  
κακῶς φρονοῦντες· ὡς τρίς ἂν παρ' ἀσπίδα  
στῆναι θέλοισι· ἂν μᾶλλον ἢ τεκεῖν ἄπαξ.

(Eur. Med. vv. 248-251)

Dizem: como nós vivemos em casa uma vida sem risco, e eles a combater com a lança. Insensatos! Como eu preferiria mil vezes estar na linha de batalha a ser uma só vez mãe!<sup>11</sup>

Segundo Ferreira (2016), o que teria levado a se propor que a morte feminina na situação de parto se igualaria à morte do guerreiro no combate teria sido a descoberta de estelas e de léцитos funerários<sup>12</sup> em que a mulher, aparentemente numa cena de pós-parto, aparece representada rodeada de familiares a lhe conferirem uma certa honra<sup>13</sup> (vd. fig. 2).



Fig. 2. Uma jovem falecida cercada por sua família  
Detalhe do relevo em um sarcófago romano de mármore.  
Civilização galo-romana. Museu Nacional da Idade Média, Paris.

Ausônio traz uma composição que enaltece as obras realizadas por uma jovem mãe antes de cedo morrer. Consta como epigrama no códice *E* e nos códices de *Z* com o título *Epitaphium Anitiae* (“Epitáfio de Anícia”); é registrado no códice *V* entre os *Epitaphia* com o título *In tumulum sedecennis matronae* (“Para a tumba de uma senhora de dezesseis anos”).

*Omnia quae longo vitae cupiuntur in aevo,  
ante quater plenum consumpsit Anicia lustrum.  
Infans lactavit, pubes et virgo adolevit,*

11. Trad. Pereira (2017, p. 279). O texto grego é da coleção Loeb, em edição de David Kovacs.

12. A datação estabelecida é de meados do século IV ao século III a.C.

13. Para bibliografia específica sobre o tema ou para visões diferentes para essas representações, que veem a cena como um momento de demonstração de pesar de familiares diante da fragilidade da morte da mulher, vd. Ferreira (2016, p. 102, n. 5).

*nupsit, concepit, peperit, iam mater obivit.*  
*Quis mortem accuset, quis non accuset in ista?* 5  
*Aetatis meritis anus est, aetate puella.*  
 (AVS. epigr. 13 Green)<sup>14</sup>

Tudo o que se deseja para a longa vida  
 Anícia viveu antes da maturidade.  
 Criança, mamou; jovem e virgem ela cresceu,  
 casou-se, concebeu, pariu; já mãe, morreu.  
 Quem culparia a morte, quem não o faria? 5  
 Velha em obra da idade, mocinha na idade.

O epigrama é, aparentemente, um caso de enaltecimento da morte feminina na flor da idade, provavelmente logo após o parto (*iam mater obivit*, “assim que se tornou mãe, morreu”), configurando-se como um possível caso de bela morte feminina, pela associação entre a morte no parto e a morte em combate<sup>15</sup>.

A condição social de Anícia certamente é um elemento para a sua glorificação na situação de parto: segundo Green (1991), o nome *Anitia* seria comum entre certas famílias aristocráticas da época, conforme o declara o próprio Ausônio em outros momentos:

*Aniciorum stemmata* (AVS. epist. 9, 34)  
 a árvore genealógica da família Anícia  
  
*mixto... sanguine / Probianoque atque Anicio* (AVS. epist. 9, 83-84)  
 com o sangue misturado, o dos Probos e o dos Anícios

Para o que traduzimos por “antes da maturidade”, a estrutura latina utilizada para se referir à idade prematura em que a jovem cumpriu todas as etapas da vida (da situação de mama na infância até a morte após o parto) é *ante quater plenum lustrum*, i. e., antes do quarto período quinquenal completo – ou seja, a jovem teria entre 16 e 19 anos. Nessa vida curta, a mocinha teria já prestado seus serviços à comunidade, e a palavra *meritum* (‘valor’, ‘serviço’) destaca a importância de como conduziu sua curta vida. Daí a tradução que propusemos para *aetatis meritis*: “em obra da idade”, i. e., “pelas coisas feitas em sua idade”, “pelas coisas que realizou em sua idade”<sup>16</sup>.

## 5. O caso da bela morte de Políxena

Outros casos de possível bela morte feminina, pelos limites deste texto, não foram aqui retomados, mas alguns trabalhos<sup>17</sup> têm proposto o sacrifício de Ifigênia ou o de Alceste como formas de bela morte, ambas ocorridas na juventude e em prol de valores ditos honrosos: Ifigênia foi sacrificada

14. Composição em hexâmetros datílicos e com tradução portuguesa em dodecassílabos. Os versos 5 e 6 apresentam significativas variações entre V e EZ. Nesse caso, Green segue V.

15. Sobre esse tema, vd. Lessa e Silva (2014) e Ferreira (2016).

16. Para outros usos em Ausônio de estruturas com o adjetivo *meritum* (‘serviço’, ‘ato’, daí a tradução nossa por ‘obra’), vd., p. e., *Epigrammata*, 20, 8, com um sentido diverso, mais próximo ao de ‘valor’: *Scire aevi meritum, non numerare decet* (“Convém saber o valor do tempo de vida, mas não convém contá-lo”).

17. Vd., p. e., Lessa e Silva (2014).



por seu pai Agamêmnon em um altar a Ártemis para garantir os bons ventos para a partida dos exércitos gregos a Troia<sup>18</sup>; quanto a Alceste, a sua união com Admeto foi um modelo de amor conjugal, de tal forma que a esposa se oferece para morrer em lugar de seu marido<sup>19</sup>.

Para além desses casos, o sacrifício de Políxena para as honras fúnebres de Aquiles poderia entrar na lista de possíveis casos de bela morte feminina<sup>20</sup>. Sua imolação na peça *Hécuba*, de Eurípedes, se dá quando o espectro (ε δωλον) de Aquiles requisita honrarias de sangue sob seu túmulo. O caráter divinizado a que Aquiles havia se elevado lhe permitia interferir nas questões humanas. A honra fúnebre ao herói, pela realização de seu pedido, está na morte de Políxena; a garantia de sua glória se dá pela morte da jovem, a quem “morrer ocorreu ser a melhor fortuna” (vv. 214-215):

θανών δ' ἂν εἶη μᾶλλον εὐτυχέστερος  
ἢ ζῶν: τὸ γὰρ ζῆν μὴ καλῶς μέγας πόνος.  
(EUR. *Hec.* vv. 377-378)<sup>21</sup>

morto, porém, seria muito mais afortunado  
que vivo: viver não belamente é uma grande aflição.

Assim, a jovem “corajosa ao extremo / e de excelsa alma” (vv. 579-580) honra o herói e ao mesmo tempo garante a sua liberdade. Certamente, ela não se salva necessariamente para salvar seu povo, mas porque se livraria de uma vida como prisioneira, como quer Andres (1980). Ou seja, por um lado, pertence à vida dela, na morte, a honra do herói, por outro, sua morte é ainda a garantia de honradamente livrar-se do cativeiro:

Ἵ τὴν ἐμὴν πέρσαντες Ἀργεῖοι πόλιν,  
ἐκοῦσα θνήσκω: μὴ τις ἄψηται χροὸς  
τούμοῦ: παρέξω γὰρ δέρην εὐκαρδίως.  
ἐλευθέραν δέ μ', ὡς ἐλευθέρα θάνω,  
πρὸς θεῶν, μεθέντες κτείνατ': ἐν νεκροῖσι γὰρ  
δούλη κεκλήσθαι βασιλῆς οὔσ' αἰσχύνομαι.

Ó Argivos devastadores da minha cidade,  
morro de bom grado: que ninguém toque na minha  
pele, pois oferecerei o pescoço com coragem.  
Para que eu, pelos deuses, morra livremente,  
matai-me deixando-me livre, pois entre os mortos  
envergonho-me de ser chamada escrava, sendo rainha. (vv. 547-552).

18. Na *Ifigênia em Táuris*, Eurípedes mostra a situação em que se envolveu Agamêmnon, ao ter irritado Ártemis por caçar um cervo em uma floresta sagrada e ainda por ter se gabado de ser o melhor caçador. A punição que recebeu foi ver a impossibilidade de ter bons ventos no porto de Áulis para a partida dos exércitos.

19. Recorde-se o mito em Apolodoro: quando do sacrifício em sua festa de casamento, Admeto teria se esquecido de Ártemis e viria a encontrar o seu leito conjugal cheio de cobras. Apolo, que estava comprometido a servi-lo por um ano, sugere que se busque apaziguar a deusa e consegue que Admeto seja poupado pelas Parcas, desde que alguém se oferecesse voluntariamente em sacrifício em seu lugar (APOLLOD. *bibl.* 1, 9, 15). Entrelaçada com a história de Hércules, de seu décimo segundo trabalho, o de arrastar o cão Cérbero dos Infernos até o rei Euristeu, Alceste já morta será por ele restituída à terra mais bela e mais jovem do que nunca.

20. Políxena era a filha de Príamo e de Hécuba (a esta há também um epitáfio – 25 Green) por quem Aquiles se havia enamorado. Por exigência do espectro de Aquiles, ela teria sido imolada sobre a tumba do herói.

21. As traduções de *Hécuba* de Eurípedes são de Christian Werner. O texto grego citado é sempre da edição de Oxford Clarendon Press, Gilbert Murray (1902).

Ao aceitar resignadamente honrar o pedido de Aquiles, contudo, além de se libertar do cativo, morrer para Políxena poderia também representar a possibilidade de evitar a morte, sob forma de retaliação, de outras prisioneiras troianas, como Hécuba, sua mãe. Ou seja, mesmo que não estivesse mais de pé a sua comunidade troiana de outrora, ainda havia uma comunidade de prisioneiras a quem poderia salvar com sua morte. Lembremos, p. e., o que diz Pirro, o filho de Aquiles, seu carrasco, quando Agamêmnon queria lhe dissuadir de sacrificar a jovem, nas *Troianas* de Sêneca:

*hac dextra Achilli victimam reddam suam.  
quam si negas retinesque, maiorem dabo  
dignamque quam det Pyrrhus;*  
(SEN. *Troad.* vv. 306-308)

Com esta destra, hei-de pagar a Aquiles a sua vítima.  
Se a negas e reténs, hei-de oferecer-lhe uma vítima ainda maior  
e digna de que Pirro a ofereça.<sup>22</sup>

Em *Hécuba* de Eurípides, diante de toda a multidão completa ( χλος πλήρης) do exército aqueu, a conduta de Políxena é ativa diante da morte (GOMES, 2018 e 2019), de forma que ela oferece tanto o peito quanto a garganta para que o filho de Aquiles escolhesse onde desejaria golpear. Em *Troianas* de Sêneca, apesar de a jovem constar como uma coadjuvante, sem falas, sua morte, junto ao filho de Heitor e Andrômaca, Astíanax (este, sim, um personagem falante), aparece como ocorrida corajosamente:

*Mactata virgo est, missus e muris puer;  
sed uterque letum mente generosa tulit.*  
(SEN. *Troad.* vv. 1063-1064)

A virgem foi sacrificada, o menino atirado das muralhas;  
mas ambos enfrentaram a morte com a nobreza do espírito.

O mensageiro insiste na coragem da heroína destacando seu semblante incisivo encarando de frente o carrasco, que parecia hesitante, diante de tão grande bravura e firmeza ante a morte iminente:

*audax virago non tulit retro gradum;  
conversa ad ictum stat truci vultu ferox.  
tam fortis animus omnium mentes ferit,  
novumque monstrum est Pyrrhus ad caedem piger.  
ut dextra ferrum penitus exactum abdidit,  
subitus recepta morte prorupit cruor  
per vulnus ingens, nec tamen moriens adhuc  
deponit animos: cecidit, ut Achilli gravem  
factura terram, prona et irato impetu.*  
(SEN. *Troad.* vv. 1151-1159)

a jovem audaz não recuou;  
mantém-se, feroz, virada de frente para o golpe, com um rosto ameaçador.  
Uma alma tão forte fere a mente de todos,  
e, prodígio nunca visto, Pirro hesita em matar.  
Quando ele enterrou a espada cravada fundo com a destra,  
no momento em que recebeu a morte, o sangue irrompeu subitamente  
de uma ferida ingente. Nem ao morrer, todavia,  
ela abandonou a coragem: caiu, de modo a tornar  
pesada a terra para Aquiles, virada para a frente e com um ímpeto furioso.

22. As traduções das *Troianas* de Sêneca são de Ricardo Duarte. O texto latino aqui citado é sempre o da edição teubneriana de Rudolf Peiper (1921).

Imolada, morre, então, a filha de Hécuba, “noiva sem noivado, virgem sem virgindade” (EUR. *Héc.* v. 612), na flor da idade e em honra do herói e da liberdade das demais prisioneiras (além da sua própria liberdade pela morte). Em Eurípedes, sua morte se mostra já gloriosa pela forma como os guerreiros aqueus censuravam aqueles que não lhe prestavam homenagens após o sacrifício:

“Ἔστηκας, ὦ κάκιστε, τῆ νεάνιδι  
οὐ πέπλον οὐδὲ κόσμον ἐν χεροῖν ἔχων;  
οὐκ εἶ τι δώσων τῆ περισσ’ εὐκαρδίῳ  
ψυχὴν τ’ ἀρίστη;

(EUR. *Héc.* 577-580)

Estás parado, infame, para a jovem  
nem peplo nem adorno tendo nas mãos?  
Não vais dar algo para ela, corajosa ao extremo  
e de excelsa alma?

Talvez a própria Helena, nas *Troianas* de Sêneca, já tivesse se dado conta do caráter heroico daquela que, sem medo, encarava a morte, i. e., sua fala a Políxena tem ares de um vaticínio, antecipando um outro lugar destinado à jovem: além do trono no Hades ao lado de Aquiles, um outro associado à glória de seu nome:

*hic forsitan te casus excelso magis  
solio reponet. profuit multis capi.*

(SEN. *Troad.* vv. 886-887)

Talvez esta queda te conduza  
a um trono mais elevado.

E, se há a necessidade de ser cantada pelos poetas a honra do herói, em sua bela morte, aqui também Políxena parece merecer tal honraria. Pausânias, p. e., faz referência ao canto dos poetas para a heroica morte da jovem e a pinturas retratando seu feito (bastante representado na cerâmica arcaica):

ἡ μὲν δὴ Ἀνδρομάχη καὶ ἡ Μηδεσικάστη καλύμματά εἰσιν ἐπικείμεναι, Πολυξένη δὲ κατὰ τὰ εἰθισμένα παρθένοις ἀναπέπλεκται τὰς ἐν τῇ κεφαλῇ τρίχας· ἀποθανεῖν δὲ αὐτὴν ἐπὶ τῷ Ἀχιλλέως μνήματι ποιηταὶ τε ἄδουσι καὶ γραφὰς ἐν τε Ἀθήναις καὶ Περγᾶμω τῆ ὑπὲρ Καΐκου θεασάμενος οἶδα ἐχούσας ἐς τῆς Πολυξένης τὰ παθήματα.

(Pausanias, *Descrição da Grécia*, 10, 25, 10)

Andrômaca e Medesicaste estão usando capuzes, mas os cabelos de Políxena são trançados segundo o costume de donzelas. **No túmulo de Aquiles, os poetas cantam sua morte**, e tanto em Atenas como em Pérgamo, no Calco, eu vi **a tragédia de Políxena retratada em pinturas**.<sup>23</sup>

O sacrifício de Políxena é, de fato, bastante representado na cerâmica arcaica. Na *Antologia Palatina* (*Apêndice de Planudes*, 16, 150), também a figura de Políxena é motivo para o artista representar, mas agora, na pintura de Polignoto, pintor ateniense (c. 500-440 a.C.), a jovem já é retratada suplicando por sua vida, num olhar de desalento, refletindo a situação de seu povo:

23. A tradução que apresentamos aqui é de Luciene Lages. O texto grego é o da coleção Loeb (1918).

**ΠΩΛΙΑΝΟΥ**

Ἴδε Πολυκλείτιο Πολυξένα, οὐδέ τις ἄλλα  
 χεῖρ ἔθιγεν τούτου δαιμονίου πίνακος.  
 Ἥρας ἔργον ἀδελφόν. ἴδ', ὡς πέπλοιο ῥαγέντος·  
 τὰν αἰδῶ γυμνὰν σῶφρονι κρύπτει χερσί.  
 λίσσεται ἀ τλάμων ψυχᾶς ὑπερ' ἐν βλεφάροις δὲ  
 παρθενικᾶς ὁ Φρυγῶν κεῖται ὄλος πόλεμος.

150. [De Gémino ou Poliano]<sup>24</sup>

Eis a Políxena de Polignoto, e nenhuma mão  
 além da sua tocou este retrato divino,  
 obra irmã dessa Hera.<sup>25</sup> Vede como, rasgado o peplo,  
 com pudica mão tenta cobrir a sua nudez.  
 Suplica a desgraçada pela vida, e em seus olhos  
 de donzela está toda a guerra dos Frígios.

Sendo de autoria de Gêmino (séc. I d.C.) ou de Poliano (talvez do final do séc. I e início do séc. II), é provável que a visão de uma Políxena suplicante deve, então, se referir ao período. Em Ausônio, no séc. IV, o epigrama a Políxena consta, conforme já explicitado, na lista dos *Epitáfios aos heróis que lutaram na guerra de Troia* (26), junto ao de Hécuba e o de Anícia. Comparecendo nessa obra, e junto a uma outra sobre o tema da bela morte, que é o da jovem Anícia, que morre no parto, o epigrama de Ausônio poderia nos lembrar da posição heroica da jovem:

**POLYXENAE**

*Troas Achilleo coniuncta Polyxena busto  
 malveram nullo caespite functa tegi.  
 Non bene discordes tumulos miscetis, Achivi:  
 hoc violare magis quam sepelire fuit.*<sup>26</sup>

**EPITÁFIO A POLÍXENA**

Presa à pira de Aquiles, Políxena a teucra,  
 morta, eu não queria erva me cobrindo.  
 Misturais mal, Aquivos, tumbas de rivais:  
 Isto mais me ultraja que me sepulta.

Mas aqui, Políxena, na visão do poeta do quarto século, se mostra relutante. Trata-se de uma vítima que não estava disponível a morrer para a honra do herói, uma vez que, sendo um grego e a outra troiana, seriam incompatíveis seus túmulos (*tumuli discordes*). Aqui, a visão é diferente daquela euripidiana, quando a jovem se dirige a Ulisses para entregar-se ao sacrifício pelas mãos do filho de Aquiles:

24. Nada se sabe sobre a vida de Poliano. Mersinias (1993) supõe que Poliano tenha vivido entre o final do primeiro e o começo do segundo século d. C. Gémino, por sua vez, é do séc. I.

25. A composição atribui equivocadamente ao escultor Policleto a pintura de Polignoto. Em seguida, agora corretamente, atribui a famosa estátua em técnica criselefantina da Hera de Argos a Policleto.

26. Composição em dísticos elegíacos, aqui traduzidos por dodecassílabos (os hexâmetros) e decassílabos (os pentâmetros).

θάρσει: πέφευγας τὸν ἐμὸν Ἰκέσιον Δία:  
 ὡς ἔψομαί γε τοῦ τ' ἀναγκαίου χάριν  
 θανεῖν τε χρήζουσ': εἰ δὲ μὴ βουλήσομαι,  
 κακὴ φανοῦμαι καὶ φιλόψυχος γυνή.

(EUR. *Hec.* vv. 345-348)

Coragem: escapaste do meu Zeus Suplicante;  
 pois por certo te seguirei, graças à necessidade,  
 desejando morrer; por outro lado, se eu não quiser,  
 parecerei vil e uma mulher que preza a vida.

Em Eurípedes, a heroína aceita seguir Odisseu em direção a seu sacrifício em honra a Aquiles (vv. 342-378), enfrentando com coragem, como um jovem soldado, a morte. Em Ausônio, sua morte já soa como em vão, ocorrida como ultraje, sem honra, portanto não mais tão bela.

## Referências

- ANDRES, A. S. *El tema del sacrificio voluntario en Euripides, comparación del personaje de Ifigenia con otros euripideos*. Murcia: Universidad de Murcia, 1980, pp. 48-68.
- ANTOLOGIA GREGA. *Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução, introdução e comentário Carlos A. Martins de Jesus. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; São Paulo: Annablume, 2017.
- ANTOLOGIA GREGA. *Epitáfios (livro VII)*. Trad., introd. e coment. Carlos A. Martins de Jesus. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.
- ANTOLOGIA PALATINA. A cura di Filippo Maria Pontani. Volume quarto, libri XII-XVIII. Torino: Einaudi, 1981.
- ANTOLOGIA PALATINA. A cura di Filippo Maria Pontani. Volume socondo, libri VII-VIII. Torino: Einaudi, 1979.
- APOLODORO. Biblioteca. Trad. de Margarita Rodríguez de Sepúlveda. Madrid: Gredos, 1985.
- ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Nota crítica a “bela morte” vernantiana, *Classica* 7/8, 1994-1995, pp. 53-62.
- BRUNHARA, Rafael. *As elegias de Tirteu: poesia e performance na Grécia arcaica*. São Paulo: Humanitas, 2014.
- EURÍPIDES. *Dois tragédias gregas: Hécuba e Troianas*. Trad. e introd. Christian Werner. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- EURIPIDES. *Euripidis Fabulae*, vol. 1. Gilbert Murray. Oxford: Oxford Clarendon Press, 1902.
- EURIPIDES. *Euripides vol. 1: Cyclops, Alcestis, Medea*. Edited and translated by David Kovacs. Cambridge: Harvard University Press, 1994.
- FERREIRA, Maria de Nazaré. A bela morte das mulheres segundo o livro VII da Antologia Palatina, *Humanitas* 68, 2016, pp. 99-124.
- GOMES, Caio Cesar Machado. Uma noção de bela morte democrática: Eurípedes e Tucídides na Atenas do século V a.c. *Anais do XVI Encontro Regional de História (ANPUH/PR) – Tempos de Transição*. Ponta Grossa-PR: UEPG, 2018. Disponível em: <<http://www.encontro2018.pr.anpuh.org/site/anaiscomplementares2?AREA=8>>. Acesso em 20/10/2019.
- GOMES, Caio Cesar Machado. *Entre a morte trágica e a morte histórica: considerações sobre o imaginário fúnebre na Atenas do século V a.c.* Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2019.
- GREEN, R. P. H. *The Works of Ausonius*, edited with Introduction and Commentary. Oxford [England]: Clarendon Press; New York: Oxford University Press, 1991.
- HOMER. *Homeri Opera in five volumes*. Oxford Classical Texts. Oxford: Oxford University Press, 1920.

- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Edições Cotovia, 2005.
- LESSA, Fábio de Souza. Maternidade e morte na Atenas clássica, *Politeia: Hist. e Soc.*, v. 6, n. 1, 2006, pp. 85-97.
- LESSA, Fábio de Souza; SILVA, Bruna Moraes da. A bela morte feminina além do parto: um estudo sobre as heroínas de Eurípides, *Phoînix* 20-1, 2014, pp. 59-80.
- LORAU, Nicole. L'Iliade moins les heros, *L'inactuel* 1, 1994, pp. 29-48.
- LORAU, Nicole. *Maneiras trágicas de matar uma mulher. Imaginário da Grécia antiga*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- MERSINIAS, Stamatis. The Epigrams of Pollianus, *Dodone(philol)* 22, 1993, pp. 9-30.
- PACHECO, Antônio de Pádua. *A honra, a glória e a morte na Ilíada e na Odisséia*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo/Pós-Graduação em História Social, 2009.
- PANTEL, Pauline Schmitt (ed.). *A History of Women in the West, Volume I: From Ancient Goddesses to Christian Saints*. Cambridge/Massachusetts; London, England: The Belknap Press of Harvard University Press, 1994.
- PAUSANIAS. *Description of Greece with an English Translation by W.H.S. Jones, Litt.D., and H.A. Ormerod, M.A., in 4 Volumes*. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1918.
- PEREIRA, M. H. R. Eurípides: Medeia, As Troianas, As Bacantes. In: *Obras de Maria Helena da Rocha Pereira. Traduções do grego*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian/Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. pp. 241-495.
- PLUTARCH. *Plutarch's Moralia III (172° - 263C) with an English Translation by Frank Cole Babbitt*. Cambridge, MA. Harvard University Press. London. William Heinemann Ltd. 1931.
- SENECA, L. Annaeus. *Tragoediae*. Rudolf Peiper. Gustav Richter. Leipzig: Teubner, 1921.
- SÉNECA. *Troianas*. Tradução, posfácio e notas de Ricardo Duarte. Lisboa: CEC/Universidade de Lisboa, 2014.
- SILVA, Bruna Moraes da. *As representações sociais da morte na literatura grega: uma análise comparada entre Homero e Eurípides*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ), 2015, p. 47-48.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. Mário da Gama Kury. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.
- VERNANT, Jean-Pierre. "A bela morte e o cadáver ultrajado". Trad. Elisa A. Kossovitch e João. A. Hansen. *Discurso* 9, 1978, pp. 31-62.
- XENOFONTE. *Econômico*. Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- XENOPHON. *Memorabilia, Oeconomicus, Symposium, Apology*. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 1997.